

Metáfora, cognição e cultura

Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo

Emília Maria Peixoto Farias

Paula Lenz Costa Lima

Recebido 28, fev. 2009/ Aprovado 1, abr. 2009

Resumo

Neste artigo discutimos como as questões acerca do porquê usamos certas expressões convencionais podem ser respondidas a partir de um modelo de mente corpórea, cuja estrutura é moldada pela experiência do homem com seu próprio corpo e o mundo físico e cultural em que vive.

Palavras-chave: *Metáfora conceitual. Linguística cognitiva. Cognição. Cultura.*

1. Introdução

A língua como um todo tem sido vista como um output interessante para investigar aspectos diversos sobre a natureza humana, nas mais variadas áreas do conhecimento. Mais do que a mera comunicação de uma ideia, a forma como falamos (incluindo-se, entre outros, a escolha do léxico, a estrutura gramatical, os tons e alturas dos sons, a postura física) parece carrear um mundo rico em aspectos cognitivos, sociais, culturais, ideológicos, para citar alguns. Por muitos anos temos tentado responder a perguntas, como: o que está por trás da forma que usamos para falar do tempo (e.g. “economize seu tempo”; “não gaste tanto tempo com isto”; “investi muito tempo nela”)? Por que algumas línguas usam às vezes expressões tão parecidas (e.g. “depois da tempestade vem a bonança” – *after a storm comes a calm*) e outras evocam imagens tão diferentes para dizer a mesma coisa (e.g. “a galinha do vizinho é mais gorda” – *the apples on the other side of the wall are the sweetest*)¹?

Neste artigo, tentaremos mostrar que parte dessas perguntas podem ser respondidas a partir de um modelo de mente corpórea, cuja estrutura é moldada pela experiência do homem com seu próprio corpo e o mundo físico e cultural em que vive. Nesse sentido, a metáfora é um dos elementos de grande relevância que pode nos proporcionar ricos *insights* sobre a questão. Portanto, inicialmente, apresentaremos um breve histórico sobre a forma como a metáfora foi tratada até ser compreendida como um fenômeno de importância cognitiva. Em seguida, discorreremos sobre os aspectos cognitivos dessa metáfora, conforme apregoadado pela Teoria da Metáfora Conceitual, e finalmente discutiremos algumas implicações da cultura no processo de criação de nossos sistemas conceituais.

2. Histórico

Os primeiros estudos a respeito da metáfora datam da Antiguidade, com o filósofo grego Aristóteles (384-322 a.C.), cuja definição, “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia”, ainda hoje é discutida e tem papel fundamental para algumas teorias desenvolvidas neste século. Apesar de seu longo passado, a metáfora tem uma história curta, mais cheia de descontinuidades que de realizações (HONECK, 1980, p. 37). Durante séculos, foi vista como própria da análise literária e da retórica, um mero recurso estilístico, e não um traço teoricamente significativo da língua, como é reconhecida hoje (CLEVENGER; EDWARDS, 1988, p.211).

Somente no final do século XIX e início do século XX, a metáfora passou a merecer maior atenção por parte dos estudiosos da linguagem. Segundo Honeck (1980), os estudos partiram

¹ Exemplos de TAGNIN, S.O. *O jeito que a gente diz: expressões idiomáticas e convencionais*. São Paulo, Disal, 2005.

basicamente de quatro áreas: da psicologia experimental, com os estudos de Bühler, Binet, Henri e Piaget sobre a natureza do pensamento na linguagem figurada, e de Werner, Asch, Osgood e Brown, sobre as origens da linguagem figurada; da tradição retórico-filosófica, com Richards e Black, e suas teorias interacionais; da linguística, basicamente com Chomsky que, por volta de 1965, incorpora os traços semânticos à sua teoria e considera a metáfora como uma violação às suas regras lexicais; e da psicologia dinâmica, com Freud e Benjamin, que pesquisaram sobre as fontes motivadoras e consequências da metáfora.

Durante a década de 60, os linguistas e psicólogos desviaram sua atenção da semântica, devido ao grande envolvimento com a teoria gerativa transformacional de Chomsky, e pouco contribuíram para o estudo da metáfora. Entretanto, a partir dos anos 70, com o processamento das informações passando a ser o grande foco de atenção dos estudiosos da linguagem, o interesse pela linguagem figurada ganhou novo impulso. Houve um verdadeiro renascimento: houve conferências, simpósios e uma explosão de livros e artigos a respeito da metáfora em praticamente todas as áreas relevantes (filosofia, psicologia, linguística, psicanálise, antropologia, sociologia), que levantaram novas discussões sobre a definição e os processos envolvidos na sua criação e compreensão (SACKS, 1992; ORTONY, 1993). Diferenciar a linguagem figurada da literal, i.e., a metáfora da não metáfora, foi um dos temas que mereceu grande atenção por parte dos estudiosos, em busca de teorias ou soluções que dessem conta do fenômeno. Entender a metáfora como um ato de fala provocou polêmica no sentido de encontrar uma definição para distingui-la de outros atos de fala, como a ambiguidade, a piada e a mentira. No aspecto cognitivo, a controvérsia centrava-se na pergunta se a metáfora seria ou não um símile.

No final dos anos 70, já se tinha claramente a percepção de que a linguagem comum, aquela usada normalmente pelo homem no seu dia a dia, é repleta de metáforas, e de que não percebemos isto porque seu uso é natural e corriqueiro (COHEN, 1979, p. 5). Incluíram-se, na época, estudos que mostravam que até mesmo a linguagem técnica e científica, que tantos supunham ser estritamente literal, é rica em metáforas (QUINE, 1992, p. 161).

Essa observação de que a linguagem como um todo é impregnada de metáforas levou vários estudiosos a terem uma nova visão de mente. A metáfora passou a ser considerada como um elemento importante no processo de entendimento da própria compreensão humana, e não mais como um mero ornamento do discurso (SACKS, 1992; ORTONY, 1993; LAKOFF, JOHNSON, 1980).

Em 1980, surge a Teoria da Metáfora Conceitual, de Lakoff e Johnson, que desvincula a metáfora da relação linguagem metafórica versus linguagem literal, desloca-a de figura da lingua-

gem para figura do pensamento e integra as visões objetivistas e subjetivistas no que passa a chamar de “experencialismo”, em sua primeira versão, e “realismo corpóreo” posteriormente (LAKOFF; JOHNSON, 1999), na qual desfaz a dicotomia cartesiana corpo-mente, tendo como base resultados das pesquisas nas ciências cognitivas. A partir de evidências linguísticas, os autores verificaram que as metáforas são sistemáticas e estão impregnadas na vida diária não apenas na língua, mas também no pensamento e na ação (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.3). Em outras palavras, nessa perspectiva, a metáfora tem status cognitivo, como veremos na próxima seção, e sofre influência cultural, como será discutido na seção seguinte.

3. Metáfora e Cognição

A Teoria da Metáfora Conceitual enquadra-se dentro dos pressupostos teóricos da semântica cognitiva, que nega as asserções do paradigma objetivista em favor de uma visão experientialista da cognição, na qual os conceitos são definidos primariamente em função de propriedades interacionais baseadas na percepção humana, tais como concepção de forma, espaço, função, dimensão e movimento e não a partir de qualidades inerentes aos objetos, conforme enfatizado pela visão objetivista.

Segundo a visão objetivista, o significado resulta da correspondência direta entre linguagem e mundo. O significado é, dessa forma, entendido como qualidade intrínseca das coisas e se baseia na referência e na verdade, verdade esta entendida como correspondência com o mundo. Nesta concepção, a linguagem nada mais é do que simples recurso de etiquetagem na associação de símbolos e mundo. Esta visão influenciou durante séculos, como vimos, a forma como os estudiosos tratavam a metáfora como simples recurso estilístico ou desvio da linguagem, próprio da arte poética e da retórica. Assim, costumava-se pensar que toda a linguagem convencional é literal, ou seja, a metáfora seria propriedade dos poetas e não se manifestaria nas interlocuções cotidianas. Tudo poderia ser descrito e entendido sem se usar metáforas. De fato, segundo essa visão, a metáfora seria um adereço, algo superficial e dispensável à linguagem; especialmente os gêneros científicos estariam livres de manifestações metafóricas; definições dicionarizadas seriam todas literais; a verdade e a falsidade seriam acessadas somente a partir da linguagem literal. Assumia-se assim uma dicotomia taxativa entre o literal e o metafórico.

Contraopondo-se a tais afirmações, o paradigma experientialista apregoa que o significado gera-se a partir das experiências de natureza sensório-motora que o indivíduo mantém com o ambiente que o cerca ao longo de seu desenvolvimento cognitivo. Segundo a semântica cognitiva, o significado linguístico

não é arbitrário, porque decorre de esquemas sensório-motores internalizados a partir de nossas experiências corpóreas com o mundo. A criança, ao longo de seu desenvolvimento, nas suas interações com seu próprio corpo, com objetos e com o outro, aprende diferentes tipos de esquemas imagético-cinestésicos, como por exemplo, o esquema de caminho (envolvendo deslocamentos de um lugar para outro. E.g. “Fui da sala para o quarto”), o esquema de recipiente (que se refere ao conhecimento de se estar dentro ou fora de algum lugar, sendo certamente o próprio corpo, o fator mais saliente, neste tipo de esquema. E.g. “Nasci em Fortaleza”) e o esquema de balanço (decorrente de nossas tentativas para ficar em pé. E.g. “Ela é uma pessoa equilibrada”), entre outros. São esses esquemas internalizados que, segundo os proponentes da visão experiencialista estruturam nossos conceitos linguísticos que se manifestam em formas gramaticais como preposições, conjunções, morfemas, tempo e aspecto verbal etc.

Obviamente, grande parte de nosso sistema conceitual opera de forma inconsciente. Pensamos e agimos, na maioria das vezes, de forma automática ao desempenharmos nossas rotinas no dia a dia. Isso equivale a dizer que não evocamos necessariamente as representações imagéticas que dão suporte às formas linguísticas licenciadas, cada vez que as utilizamos ou compreendemos. No entanto, pesquisas realizadas no âmbito da psicologia experimental têm fornecido evidência a favor do fato de que as pessoas, consistentemente, evocam os mesmos esquemas imagético-cinestésicos, quando solicitadas a relatar como compreendem certas expressões envolvendo tempo e espaço, expressões idiomáticas, metáforas etc. (GENTNER; IMAI; BORDITSKY, 2002; McGLONE; HARDING, 1998; GIBBS; BOGDONOVICH; SYKES; BARR, 1997).

Importante destacar o fato de que as expressões linguísticas não são as próprias metáforas (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999; LAKOFF, 1993) e sim reflexos (i.e. *tokens*) das metáforas conceituais supervenientes (i.e. *types*) que licenciam tais expressões. Assim, expressões como “chegamos ao fim da linha”, “estamos num beco sem saída”, “nosso casamento está afundando” além de tantas outras utilizadas para descrever relacionamentos amorosos são realizações linguísticas da metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM, que descreve um conceito abstrato, o amor, em termos de um outro conceito concreto internalizado a partir do esquema de CAMINHO (ou seja, o conceito de VIAGEM baseia-se no esquema de CAMINHO).

Na última década e estendendo-se à atualidade têm ganhado impulso pesquisas realizadas sobre um tipo mais básico de metáfora conceitual, a chamada metáfora primária. Segundo Grady (1997), a base da metáfora primária é o que denomina de cena primária; uma representação cognitiva de uma experiência

recorrente que envolve estreita correlação entre duas dimensões distintas de experiência, uma de natureza perceptual (que constitui um input) e outra de natureza conceitual (o output, ou resposta cognitiva). Por exemplo, falamos de desejo em termos de fome, porque sempre que temos fome experienciamos também o desejo de comer; falamos de dificuldade em termos de peso, porque sempre que erguemos alguma coisa experienciamos a facilidade ou a dificuldade dessa ação. Essas bases experienciais, segundo Grady são elementos da experiência humana universal, i.e., experiências sensorio-motoras, emocionais e cognitivas básicas que não dependem de particularidades culturais.

De acordo com Chris Johnson (1999), que estudou a aquisição de metáforas primárias por crianças, esta estreita correlação entre as duas dimensões (perceptual/conceitual) emerge em dois estágios: primeiramente, o estágio da “conflação”, quando as conexões entre domínios coativados são estabelecidas e os domínios são ainda experienciados como domínios separados – isto significa que, a princípio, certas conexões neurais entre as redes dos domínios-fonte e alvo coativados são estabelecidas aleatoriamente. No segundo estágio, o chamado estágio da diferenciação, os domínios previamente coativados são diferenciados em fonte e alvo, respectivamente. Nessa perspectiva, portanto, a metáfora primária é inevitável. É adquirida automaticamente e inconscientemente, via processo normal de aprendizagem neural: sempre que um domínio de experiência subjetiva ou julgamento é coativado regularmente, com um domínio sensorio-motor, são estabelecidas conexões neurais permanentes via mudança de peso sináptico. Ou seja, os pesos sinápticos aumentam através da recorrência da ativação. Quanto mais essas conexões são ativadas, mais os pesos aumentam, até que se estabelecem as conexões permanentes.

Como visto acima, Grady (1997) não considera a influência cultural nas experiências básicas, embora elas envolvam aspectos perceptuais. Presume-se que mesmo as experiências corpóreas mais diretas podem não ser percebidas da mesma forma nas diversas culturas, fazendo com que a correlação entre as mesmas experiências recorrentes e coocorrentes gere, em cada língua, tanto metáforas primárias semelhantes, quanto ligeiramente diferentes, ou até mesmo completamente diferentes. Entretanto, aspecto cultural para² o autor envolve alguma forma de aprendizagem, como fazer torradas ou subir escadas (que pressupõe conhecer uma escada.), com nenhum aspecto inerente ou universal da experiência humana. Coisas como cachorro ou árvore também são aprendidas; diferentemente de ter fome, deglutir e erguer objetos que são experiências universais inerentes a qualquer pessoa (GRADY, 1997, p.149-150), que, caso envolvam algum tipo de aprendizagem, esta é parte da herança biológica do ser humano. É esse tipo de experiência que serve

² Para uma discussão entre o relativismo de Whorf e a posição da Linguística Cognitiva, ver cap. 10 de GIBBS, R.W.Jr. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: CUP, 1994; e KATZ, A.N. (1998) *Figurative language and figurative thought: a review*. In KATZ et al (eds) *Figurative language and thought*. New York, Oxford: ÔUP, 1998, p.3-

de base para as metáforas primárias. As metáforas compostas, complexos formados de duas ou mais metáforas primárias, ao contrário, podem sofrer grande influência cultural, entretanto, o autor não discorre como isto se dá no processo da composição metafórica.

Em suma, na visão da Teoria da Metáfora Conceitual, a origem da metáfora linguística está, portanto, na metáfora conceitual que, por sua vez, é gerada a partir de experiências do homem com o seu próprio corpo com relação ao ambiente físico e cultural em que vive. Para Lakoff e Johnson, “a essência da metáfora é compreender e experienciar um tipo de coisa no lugar de outra; compreendê-la equivaleria a compreender o próprio modo de pensar e agir inerente ao homem” (1980, p. 5).

Nesse sentido, entender como a experiência com o próprio corpo e com o mundo que nos rodeia se dá parece fundamental para uma teoria que propõe um homem, cuja mente é parte integrante de seu corpo e cujo sistema conceitual é estruturado com base nesse mesmo corpo em interação com seu ambiente físico e cultural. Na próxima seção, vamos fazer algumas considerações sobre o aspecto cultural envolvido na construção do sistema conceitual humano, a partir das “metáforas pelas quais vivemos”. A relação metáfora-cultura tem merecido atenção crescente de vários estudiosos na última década (KÖVECSES, 2005, 2007; CARVALHO, 2006, YING, 2007; para citar alguns).

4. Metáfora e Cultura

Para a discussão que fazemos agora, tomaremos emprestada a noção de cultura que Kövecses (2005, p. 01) adotou, qual seja: “cultura como sendo um conjunto de compreensões compartilhadas que caracterizam comunidades maiores ou menores”.

Em linha com o autor essa definição não é exaustiva, mas inclui uma gama de entidades “intangíveis” como tempo, processos mentais, emoções, qualidades abstratas, valores morais além de instituições sociais e políticas. Para o refinamento da noção de cultura aqui apresentada, complementamos com a definição de modelos culturais proposta por Gibbs (1999, p. 153):

“modelos culturais são esquemas culturais compartilhados e intersubjetivos que funcionam na interpretação da experiência e que guiam as ações em uma gama variada de domínios incluindo eventos, instituições, objetos físicos e mentais”.

Aliás, Quinn (1997) também defende a noção de modelos culturais em termos de esquemas culturais complexos que são, ao seu turno, instrumentos indispensáveis na organização dos mais variados domínios. A cultura é essencialmente compartilhada, tem base na experiência e os esquemas culturais podem apresentar graus variados de semelhança.

Uma grande parte da compreensão desses modelos culturais pode ser alcançada por meio da mente fenomenal discutida em Lakoff e Johnson (1999, p. 102-104). Os autores asseveram que a mente fenomenal resulta da experiência subjetiva do homem e que se caracteriza por ser consciente ou ser possível o acesso consciente a ela. Sendo assim, por meio da mente fenomenal, o homem pode acessar seus estados mentais e manifestar-se a respeito de suas experiências. Isso torna viável ao homem expressar-se a respeito de como as coisas lhe parecem ou lhes são apresentadas e também manifestar-se em relação ao azul do céu, ao sabor do chocolate ou ao som emitido por um violão.

Essas habilidades têm sua base no edifício cognitivo humano e nas alterações de ordem histórica resultantes de vivências socioculturais. Nas palavras de Marcuschi (2005, p. 50), “uma tal atenção para superar o pensamento (...) insere no núcleo da reflexão a dinamicidade em detrimento do contorno fixo e pronto.” É por essa razão que defendemos o postulado da noção de linguagem ser entendida como dependente das outras habilidades cognitivas como “a capacidade inferencial lógica, as habilidades de questionar, resolver problemas, avaliar, criticar, deliberar como agir, e alcançar a compreensão de nós mesmos, de outras pessoas e do mundo ” (LAKOFF; JOHNSON 1999, p. 3-4) e “resultante de práticas discursivas construídas e reconstruídas interativa e colaborativamente entre sujeitos históricos.” (FARIAS; MARCUSCHI 2006, p. 118)

Esses princípios alicerçam a tese da associação entre o corpo, a mente e o mundo na geração de processos cognitivos. Os conceitos resultariam, pois, da interatividade característica das ações humanas. Daí ser a relação entre linguagem e cognição

de mútua constitutividade, na medida em que se supõe que não há possibilidades integrais de pensamento ou domínios cognitivos fora da linguagem, nem possibilidades de linguagem fora de processos interativos humanos (KOCH 2004, p. 100).

Como bem afirma Marcuschi (2003, p. 246),

A realidade mundana não está segmentada da forma como a concebemos, e as coisas não estão no mundo da maneira como as dizemos aos outros (...). O mundo da experiência sensorial simplesmente não tem uma face externa diretamente palpável, seja aos nossos sentidos ou às nossas teorias.

Como discutido em Farias (2008), no modelo conexionista, as atividades cognitivas são explicadas por meio de redes neurais cuja estrutura é composta por inúmeros nós que se interligam e seus pesos sinápticos são responsáveis pela geração de padrões de ativação. A configuração dos coeficientes numéricos dá conta da força entre as conexões e do desempenho da rede ao executar tarefas específicas. Se levarmos em conta que as atividades de-

envolvidas pelo cérebro sofrem alterações de ordem qualitativa ao longo de todo o processo de desenvolvimento do indivíduo, isso nos leva a acreditar na possibilidade de que novas conexões neuronais possam ser feitas, outras estabilizadas, enquanto outras possam até mesmo ser modificadas. Acontece que esse desenvolvimento está diretamente associado às experiências às quais o homem está exposto. A experiência humana engloba essas atividades sociocognitivas indispensáveis à produção do sentido. A atividade de significação está atrelada à integração das diferentes experiências coletiva e individualmente vividas.

Tomemos como exemplo o caso específico das emoções. Essas são geradas por “mecanismos inconscientes biológicos governados por regras e determinações dos circuitos neurais e da neurofisiologia.” (PALLY, 2000, p. 181). A autora descreve um esquema geral do processamento das emoções. O processamento inclui três fases:

- a) avaliação dos estímulos quanto à sua relevância para o organismo;
- b) mudanças corporais e cerebrais consequentes a esta avaliação;
- c) retroalimentação, informando ao próprio cérebro sobre tais mudanças corporais e cerebrais.”

Segundo informações obtidas na WIKIPEDIA, o biólogo norueguês Bjrrn Grinde³ assegura que as emoções humanas resultam de “fatores evolutivos” que dotaram o homem de um sistema nervoso que distingue não somente “sensações agradáveis de desagradáveis”, mas “experiências de caráter positivo e negativo em geral”. (<http://www.en.wikipedia.org>).

A abordagem evolutiva sustenta que “há emoções cujas expressões e cujos reconhecimentos são universais” e têm sua origem em necessidades básicas dos indivíduos como reprodução, defesa e aceitação social. No processo evolutivo, o indivíduo desenvolveu algumas emoções como “adaptações” com o intuito de “solucionar problemas ecológicos básicos” enfrentados pelos organismos. (<http://plato.stanford.edu/entries/emotion>).

A geração de conceitos baseados na experiência do homem com o funcionamento de seu próprio corpo tem sido observada há bastante tempo. Por exemplo, as primeiras civilizações, 3000 anos antes de Cristo, acreditavam que o coração era a sede da inteligência (DUMESNIL, 1935, p. 22). Os efeitos da emoção nos diversos órgãos levaram nossos antepassados a acreditar que o coração era o centro do medo, da ira e da dor devido às palpitações e à sensação de *estar com o coração na boca* típicas de tais situações; o estômago, o intestino, o fígado e o baço foram tomados como a sede do ciúme e da depressão por causa das perturbações digestivas e abdominais durante crises emocionais (DIRCKX, 1992, p. 100). Durante séculos, a razão e a emoção fo-

³ GRINDE, BJRRN. *Darwinian happiness: evolution as a guide for living and understanding human behavior*, 2002. ISBN 0-8785-159-2.

ram vistas como originárias do coração e/ou de outras vísceras, de acordo com a cultura de cada povo.

Ainda na Antiguidade, em meados do séc. VI a.C., o médico grego Alcmeón de Cróton identificou ser o cérebro a sede do pensamento e não o coração, como se pensava (DUSMENIL, 1935, p. 42), embora isto só tenha se estabelecido, algum tempo depois, com Hipócrates. No entanto, restam na linguagem atual muitos traços dessas crenças anteriores a Hipócrates, como, por exemplo, *esquizofrenia* e *frenético*, termos originários da palavra grega para diafragma, *phren*, parte do corpo onde acreditavam residir a mente. Com base nos quatro humores cardinais, da doutrina central da época de Hipócrates, ainda se fala em pessoas de temperamento fleumático, sanguíneo, bilioso ou colérico, e melancólico. Expressões como “Ele não tem coração”, “tem coração de manteiga”, “é de cortar o coração”, e a própria utilização universal do coração como símbolo do amor, mostram como a emoção continua ligada ao coração na nossa cultura.

A utilização de expressões atuais baseadas em fatores históricos, mesmo que longínquos, tem sido mencionada por outros autores, como mostra Carvalho (2006, p. 51), ao tratar de fato semelhante:

Esses exemplos corroboram a argumentação de Deignan (2003:269) que enfatiza o papel da cultura na determinação do conteúdo e da forma de expressões metafóricas. Mas a autora, como Kövecses (2005), nos alerta que a metáfora que usamos hoje pode não refletir a compreensão atual sobre a nossa cultura. A pesquisadora afirma que muito das expressões metafóricas foram geradas a partir de determinadas situações históricas e, na medida em que elas se fossilizam, sua motivação fica, de certa maneira, pouco transparente para os falantes de uma língua. Isso, de certa forma, nos alerta para o problema do enfoque cultural na metáfora. E, neste caso, Boers (2003:235) referenda Deignan (2003) que acredita que devemos abordar a metáfora na linguagem, em sua grande parte, como uma reflexão diacrônica de cultura, e não sincrônica. E, assim, uma determinada expressão metafórica, ao longo do tempo, pode tornar-se opaca para a compreensão do falante daquela língua.

Entretanto, embora grande parte dos estudos sobre metáfora sejam baseados na língua, é a identificação dos sistemas metafóricos que nos trazem os insights mais interessantes para compreender os fenômenos cognitivos. As expressões metafóricas são tão diversas quanto forem os aspectos culturais envolvidos e podem mudar ao longo do tempo com muito mais flexibilidade que suas metáforas subjacentes. Como já discutido por outros autores (YING, 2007), o veículo utilizado na metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, que faz parte de culturas diversas como a inglesa, a chinesa e, acrescentamos aqui, a nordestina brasileira, vai depender das peculiaridades e do momento histórico de cada comunidade (e.g. trem, navio, bicicleta, jegue).

Da mesma forma, os termos utilizados para se referir à pessoa desejada (e.g. pão, uva, peixe), em uma metáfora subjacente como O OBJETO DO DESEJO É COMIDA, pode mudar ao longo dos anos, mas o parceiro sexual em potencial continua sendo tratado como comida.

Além disso, cabe lembrar a observação de Lakoff (1993, p. 241) de que as bases experienciais motivam as metáforas, mas não as predizem porque a experiência humana com o corpo também envolve aspectos culturais. Assim, uma metáfora como MAIS É EM CIMA poderia não acontecer em todas as línguas (por algum tipo de restrição cultural), apesar de todos os seres humanos terem a experiência da correlação entre MAIS É EM CIMA. O que a base experiencial pode prever é que a metáfora inversa EM CIMA É MAIS não existe em nenhuma língua e que os falantes de línguas que não tenham a metáfora MAIS É EM CIMA sejam capazes de aprendê-la com mais facilidade do que a inversa.

Kövecses (2002) discute a “universalidade” ou “quase universalidade” de alguns conceitos. A universalidade de um dado conceito estaria vinculada à sua presença em muitas línguas. A experiência compartilhada e acumulada do homem pode ter sido a motivação para a geração de esquemas culturais bem próximos em semelhança em diferentes culturas, o que resultaria na geração do mesmo conceito. Um dos conceitos discutidos pelo autor é FELIZ É PARA CIMA E FELICIDADE É LUZ por terem sido identificados em línguas tipologicamente tão distintas como o inglês, o húngaro, o português e o chinês. A discussão está fundamentada em Kövecses (2002, 2005) e Yu (1998).

FELIZ É PARA CIMA

Ing. *He is very high spirited.*

Chi. *Ta hen gao-xing.*

Hun. *Ez a film feldobott*

Por. Eu estou de **alto astral**.⁴

Por. Eu estou **pra cima**.

FELICIDADE É LUZ

Ing. *Her face brighted up.*

Hun. *Derüs alkat.*

Chi. *Tamen gege xing-gao cai-lie.*

Por. Ela estava **radiante de felicidade**.

Para os autores, a força motivacional para o compartilhamento desses esquemas culturais manifestos nas expressões metafóricas apresentadas tem como base a experiência corpórea, compartilhada e organizada. A motivação deve-se à associação da postura ereta assumida pelo indivíduo ao experimentar emoções positivas ou gratificantes aos estados físicos. A emoção positiva leva o indivíduo a assumir uma postura “erguida” diante da vida. Ao experimentar uma emoção negativa ou aversiva, o indivíduo passa a se posicionar de forma curvada.

⁴ Os exemplos em português são tradução nossa.

Essa motivação perpassa fronteiras culturais. Vejamos como o domínio frieza é manifesto em inglês e português.

Deignan (1997, p.161-169) apresenta vários contextos, nos quais o conceito FRIEZA é usado metaforicamente. A autora faz menção à mudança de estado das emoções que, em muitos casos, expressam sentimentos de indiferença, distância ou não envolvimento. Observemos os contextos abaixo:

*What I believe we have here is a **cool** and clever criminal.*

*You should each make your own lives, and when emotions **have cooled**, see if there's a possibility of friendship.*

*He felt the tremor run through him, then the usual **cold** calm had abruptly replaced it.*

*She looked at him **coldly**.*

O dicionário da língua inglesa COLLINS COBUILD (1990) apresenta o seguinte verbete para a entrada *COOL*:

5 Behaviour that is **cool** is calm and unemotional, rather than angry or excited. Eg. The Police drew praise for their **cool** handling of the riots. p. 312;

6 When a feeling or an emotion **cools** or when you **cool** it, it becomes less powerful. Eg. Her passion for Herold had begun to **cool**... She hoped that by Monday their tempers would have **cooled**. p. 313.

Vejamos, agora, como esse mesmo conceito é expresso em língua portuguesa. Tomamos como referência Borba (2004):

5 Que sabe conservar a calma; que controla os sentimentos: alguém deveria manter a cabeça **fria** e o senso prático; p. 649.

6 Que denota insensibilidade ou ausência de emoção; isento de paixão; impassível: Dona Leonor teve para mim um sorriso **frio**, quase hostil; p. 649.

11 Que não experimenta prazer ou que não tem desejo sexual; frígido; p. 649.

18 Causado por uma emoção forte: o título me fez correr um **frio** pelos braços; p. 649

Como foi possível observar, os modelos culturais nas duas línguas parecem muito semelhantes, contudo há casos em que modelos culturais revelam conceitualizações bem distintas do mundo, o que nos leva a perceber que os modelos aprendidos são padrões internalizados e mediadores da experiência vivida socialmente compartilhada. As experiências particulares resultam em esquemas particulares. Saber como as expressões linguísticas mostram essas variações é uma forma de aproximação da multiplicidade cultural. É o caso, por exemplo, do conceito DOCE apresentado em Ponterotto (1994). Em português e em inglês, DOCE É BOM, mas em japonês DOCE É RUIM.

Por. Você é um **doce**.

Ing. *You are **sweet**.*

Jap. *Aitsu-wa **amai**.* / O garoto é imaturo, mimado.

Semelhanças e diferenças como essas são comuns e têm sido observadas principalmente nos estudos translinguísticos.

O nível de detalhamento estabelecido pelo pesquisador parece ser o responsável por apontar maiores ou menores semelhanças entre as várias culturas, conforme pode ser notado no estudo comparativo de expressões sobre RAIVA em inglês e chinês, realizado por Yu⁵, em 1995, citado por Ying (2007). YU verificou que tanto em uma língua quanto na outra, a raiva está relacionada a aquecimento e o corpo a um recipiente para as emoções, sendo comum em ambas as línguas as metáforas A RAIVA É UMA SUBSTÂNCIA AQUECIDA e a RAIVA É FOGO. Entretanto, ao examinar a realização dessas metáforas, o autor observou que, na primeira, enquanto em inglês essa substância é um líquido quente, em chinês, ela é um gás (e.g. *Ta pi qi hen da* - ele tem grande gás no baço; *Ta xin zhong you qi* - ele tem gás no coração). Ora, será que realmente podemos dizer que as metáforas são diferentes? Até que ponto líquido e gás são diferentes?

Uma análise do uso de linguagem figurada entre 1675 e 1975 mostrou que o corpo humano foi uma das maiores fontes de metáfora ao longo dos anos (SMITH et al, 1981⁶ apud AITCHINSON, 1987, p. 149). Os conceitos ligados diretamente a partes do corpo poderiam ser considerados também “universais”, pois geram expressões semelhantes entre várias culturas. Por exemplo, Andersen (1978) encontrou semelhança na hierarquização de termos de partes do corpo em 41 línguas diferentes, com atenção especial à forma e à localização espacial. Um estudo de 315 expressões metafóricas com o substantivo cabeça, em português e inglês (LIMA, 1995), mostrou que as duas línguas conceitualizam de forma muito semelhante a experiência humana com essa parte do corpo. Por exemplo, da experiência com a localização espacial da cabeça temos A CABEÇA É UMA EXTREMIDADE (cabeça do mastro-*head of the mast*; cabeça da lista-*head of the list*; cabeça do cortejo-*head of the cortege*; cabeça de lança-*spear head*), enquanto daquela relacionada aos processos mentais fenomenológicos A CABEÇA É UM RECIPIENTE e A CABEÇA É UMA MÁQUINA, que podem ser entendidas como parte de uma única metáfora, A CABEÇA É UMA MÁQUINA COM UM RECIPIENTE. Nessa metáfora, os processos mentais ocorrem na MÁQUINA-CABEÇA, cujo produto final esperado é algo sob o domínio da razão. Para que isso ocorra é preciso que a máquina, entre outras coisas, esteja ligada (i.e., “botar a cabeça pra funcionar”-*use one’s head*), funcionando na temperatura ideal (“manter a cabeça fria”-*keep a cool head* é sempre importante para se ter atitudes racionais), contenha um recipiente dentro das especificações (ter a “cabeça dura”-*hard headed*, por exemplo, não é uma boa característica), contendo matéria prima em condições de ser processada (“não ter nada na cabeça”-*be empty-headed* não pode levar a um resultado racional, uma vez que não há nada a ser processado) e fixa no lugar adequado (“estar com a cabeça nas nuvens”-*have one’s head in the clouds* ou “ter um parafuso frouxo”-*have a screw loose*, de modo geral, leva a comportamentos

⁵ YU, N. Metaphorical expressions of anger and happiness in English and Chinese. *Metaphor and Symbolic Activity*, v.10, n. 2, p. 59-92, 1995.

⁶ SMITH, M.K.; POLLIO, H.R.; PITTS, M.K. Metaphor as intellectual history: conceptual categories underlying figurative usage in American English from 1675-1975. *Linguistics* v. 19, p. 911-935, 1981.

irracionais). Entretanto, nesse mesmo estudo, verifica-se que a produtividade de cada metáfora pode variar consideravelmente em cada língua, além de nem sempre a parte do corpo em foco ser a mesma nas duas línguas (e.g. "olho do tumor"-*head of a spot*; "deixar ser dono do próprio nariz"-*give sm/one's his head*).

A questão do envolvimento da cultura na geração de metáforas não é algo simples de se tratar, devido à diversidade de aspectos a serem considerados. Estudos genéricos, como os de Lima e Yu descritos acima talvez não sejam os mais adequados quando se pretende ressaltar a questão cultural, embora tenham papel importante quando se pretende analisar comunidades mais específicas. Pritzker (2003), ao discutir sobre a importância do uso das metáforas no tratamento de depressão, comparando a medicina chinesa e a ocidental, mostra como a metáfora da RAIVA COMO UMA SUBSTÂNCIA AQUECIDA pode auxiliar no tratamento dos pacientes.

Uma proposta recente, que leva em consideração algumas dessas diversidades, é o estudo sobre a cultura americana realizado por Kövecses (2007), a partir do que chamou de "dimensões da variação da metáfora": social, étnica, regional, estilística, subcultural e individual. Considerar cada grupo separadamente permitiu ao autor identificar os "'mundos conceituais' divergentes de vários componentes da sociedade americana" e levou a uma avaliação mais coerente com modelos culturais.

5. Conclusão

Para finalizarmos, mesmo que o comportamento linguístico, no qual nos centramos para o desenvolvimento do presente trabalho, seja limitante para investigar a natureza dos modelos cognitivos e culturais, assumimos que ele é, em grande medida, o elo de ligação entre o corpo, a mente e o mundo. Sob essa premissa e com base nos argumentos e exemplos apresentados, esperamos ter deixado claro como a metáfora, enquanto expressão dos modos de se conhecer e de se compreender o mundo, constitui-se como instrumento de organização e de produção cognitivos. A hipótese da Metáfora Primária, aqui brevemente tratada, sinalizou para a possibilidade de existirem metáforas cuja base seja o funcionamento neuronal à medida que experiências distintas engrenadas no cérebro se coativam dando origem a respostas cognitivas. No entanto, conforme expusemos, contrariamente à tese de Grady (1997) de que essas metáforas tenderiam à universalidade, elas, assim como as metáforas compostas, as de semelhança ou as de imagens parecem estar à mercê de influências de ordem social e cultural. Isso não é surpreendente, uma vez que é cientificamente plausível aceitar-se que as redes neuronais constituem-se tanto a partir das especificidades biológicas compartilhadas pelos humanos

quanto dos variados ambientes ecológicos, sociais e culturais comuns aos homens.

Entretanto, é importante que não se confunda a metáfora com a sua realização linguística, como parece acontecer em muitos trabalhos. A busca pelas diferenças e semelhanças no léxico usado pelas várias culturas não parece ter resolvido as questões fundamentais sobre a cognição humana. Discutir a língua e a cultura sob a perspectiva de suas metáforas, ao contrário, tem-nos levado a uma melhor compreensão do que somos e como funcionamos no mundo.

Abstract

In this paper, we discuss how questions about why we use certain kinds of conventional expressions could be answered by the model of an embodied mind, which is structured via our experiences with our own bodies and the physical and cultural world we live in.

Keywords: *Conceptual metaphor. Cognitive linguistics. Cognition. Culture.*

Referências

AITCHISON, Jean. *Words in the mind - an introduction to the mental lexicon*. Oxford, Basil Blackwell, 1987.

ANDERSEN, E.S. Lexical universals of body-part terminology. In GREENBERG, J. (ed.). *Universals of human language*. Vol.3 - *Word Structure*. Stanford, Stanford University Press, 1978.

BORBA, F.S. (Org.). *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.

CARVALHO, S.N. A “guerra” nas palavras: uma análise crítica da metáfora conceitual na retórica do presidente G.W. Bush Jr e de seus colaboradores. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2006.

CLEVENGER Jr., T.; EDWARDS, R. Semantic distance as a predictor of metaphor selection. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 17, n. 3, p. 211-226, 1988.

COHEN, T. Metaphor and the cultivation of intimacy. In SACKS, S. (Ed.) *On metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, p.1-10, 1979.

Collins Cobuild English Language Dictionary. London; Glasgow: Collins Publisher/ The University of Birmingham, 1990.

DEIGNAN, A. *English guides 7: metaphor*. London: The University of Birmingham; Collins Cobuild; Harper Collins Publishers, 1997.

DIRCKX, J. H. As confusões anatômicas na linguagem cotidiana. In *Ciência e Futuro 1992*. Livro do Ano. Encyclopaedia Britannica do Brasil, p. 94-109, 1992.

DUMESNIL, R. *Histoire illustrée de la médecine*. Paris, Librairie Plon, 1935.

FARIAS, E.M.P. Cognição, metáfora e ensino. In: MACEDO, A.C.P.; FELTES, H.P.M.; FARIAS, E.M.P. (Orgs.). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul/ Porto Alegre: Edipucrs/Educs, p. 213-227, 2008.

FARIAS, E. M. P.; MARCUSCHI, L.A. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, A. C. P.; BUSSONS, A.F. (Orgs.). *Faces da metáfora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, p.111-130, 2006.

GENTNER, D. ; IMAI, M.; BORDITSKY, L. As time goes by: Understanding time as spatial metaphor. *Language and Cognitive Processes* v. 17, p. 537-565, 2002.

GIBBS JR., R.W. Talking metaphor out of four mind and putting it into the cultural world. In: STEEN, G.; GIBBS JR., R.W., (Eds.) *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1999.

GIBBS, R.W., Jr., BOGDANOVICH, J.M., SYKES, J.R.; BARR, D.J. Metaphor in idiom comprehension. *Journal of Memory and Language* v. 37, p. 141-154, 1997.

GRADY, J. E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

HONECK, R. P. Historical notes on figurative language. In HONECK, R.P.; HOFFMAN, R.R. (Eds.) *Cognition and figurative language*. Hillsdale, Erlbaum, 1980, p.25-46.

JOHNSON, C. *Constructional grounding: The role of interpretation overlap in lexical acquisition*. PhD dissertation. Unpublished. University of California, Berkeley, 1999.

KOCH, I.V.; CUNHA-LIMA, M.L. Virtudes e vicissitudes do cognitivismo revisitadas. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Eds.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortês, v.3, p.251-300, 2004.

KÖVECSÉS, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2002.

KÖVECSÉS, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge, 2005.

- KÖVECSESE, Z. Studying American Culture through its metaphors: dimensions of variation and frames of experience. *AMERICAN – E-Journal of American Studies in Hungary*, v. III, n. 1, spring 2007.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In A. Ortony (Ed.), *Metaphor and thought*. 2.ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London, University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LIMA, P.L.C. *Usando a Cabeça: um estudo da representação do substantivo 'cabeça' no sistema conceitual das línguas inglesa e portuguesa, através de expressões metafóricas convencionais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1995.
- MARCUSCHI, L. A. Atividades de referenciação, inferenciação e categorização na produção de sentido. In: FELTES, H.P.M. (Org). *Produção de sentido: estudos transdisciplinares*. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, p. 239-261, 2003.
- MARCUSCHI, L.A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (Orgs.) *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, p.49-77, 2005.
- McGLONE, M.; HARDING, J. Back (or forward) to the future. The role of perspective in temporal language comprehension. *Journal of experimental psychology: Learning, memory, and cognition* v. 24, p. 1211-1223, 1998.
- ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and thought*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- PALLY, R. O pensamento das emoções: a conexão mente-corpo. In: *Livro Anual de Psicanálise*, v. XIV. São Paulo: Editora Escuta Ltda, 2000, p. 181-195.
- PONTEROTTO, D. Metaphors we can learn by. *Forum*, v. 32, n. 3, p.2-7, 1994.
- PRITZKER, S. The role of metaphor in culture, consciousness, and medicine: a preliminary inquiry into the metaphors of depression in Chinese and western medical and common languages. *Clinical Acupuncture and Oriental Medicina*, v. 2, p. 11-28, 2003.
- QUINE, W.V. Reflexões posteriores sobre a metáfora. In SACKS, S. (Org.). *Da metáfora*. São Paulo, EDUC/Pontes, 1992, p.161-162.
- QUINN, N. Research on shared task solution. In: STRAUSS, C; QUINN, N. *A cognitive theory of cultural meanings*. Cambridge: CUP, 1997, p. 137-188.

SACKS, S. (Org.) *Da metáfora*. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

YING, S. The role of culture in metaphor. *US-China Foreign Language*, v. 5, n. 1, p. 74-81, jan. 2007.

YU, N. *The contemporary theory of metaphor. A perspective from Chinese*. Amsterdam, John Benjamins, 1998.